

VILA VERDE (Coucieiro)

Coucieiro é uma freguesia do concelho de Vila Verde, distrito de Braga. A igreja de São João dista cerca de 5 km da sede de concelho. Sair de Vila Verde pela rua Dr. Barbosa de Brito e depois seguir pela estrada N308, andar cerca de 4 km e depois seguir pela estrada M531. A igreja encontra-se cerca de 1 km à frente do lado esquerdo.

A implantação da igreja de Coucieiro é rural, em local plano, rodeada de esparsas habitações rurais, terrenos de cultivo e mata.

A presença humana nesta freguesia remonta à pré-história, existindo aí uma bem preservada mamoa com cerca de 10 m de diâmetro. Do século X-IX a.C. datam os vestígios da citânia de São Julião do período do Bronze Final. Do período tardo-medieval é a ponte de Caldelas, com três arcos, que liga as freguesias de Coucieiro e Ponte de São Vicente à freguesia de Caldelas.

Coucieiro pertenceu ao concelho de Regalados, mas, após a extinção deste em outubro de 1855, passou a integrar o concelho de Vila Verde.

Igreja de São João

SEGUNDO O CENSUAL DO BISPO D. PEDRO, de finais do século XI, a paróquia de São João de Coucieiro pertencia à Terra de Regalados. A fundação da igreja paroquial de Coucieiro, datada do século XII, é atribuída aos Templários. Após a supressão da Ordem foi integrada no património da Ordem de Cristo e, mais tarde, convertida em comenda nova.

Em 1128, a igreja de Coucieiro foi sagrada por D. Paio Mendes, arcebispo de Braga, como assevera a inscrição ainda visível na fachada sul da igreja. Segundo a leitura proposta por Mário Barroca, lê-se

[in er]A MC2XVI DEDICA / TA EST EC(c)LESIA ISTA AB AR /
CHIEPiscopo PELAGIO BRACA / RENSIS ABBAS ARGEMON[dus]

Conforme o mesmo historiador, a igreja de Coucieiro foi dedicada no tempo do abade Argemondo que já se encontrava à frente dos destinos da paróquia em 1078, como atesta a sua confirmação num documento dessa data, onde se lê *Argemondus de Conciliario conf.*

Pinho Leal refere-se a uma outra inscrição nesta igreja de Coucieiro, datada de 1164, localizada na fachada norte do templo. Segundo Mário Barroca poderá tratar-se de uma leitura incorreta da inscrição de 1169

E(ra) M C C VII . XII (...) / DEDIC (...)

Trata-se de uma inscrição comemorativa da dedicação da igreja de São João Batista ou, segundo avança Manuel Real, uma segunda sagração de Coucieiro.

Documentos datados de 1145 e 1188, e copiados no *Liber Fidei*, como atesta Avelino de Jesus da Costa, reportam-se à *Ecclesia Sancti Jobannis de Concieiro*.

As Inquirições de 1220 localizam a paróquia de São João de Coucieiro no julgado de Bouro, divisão administrativa de caráter civil, enquanto as de 1258 situam a referida paróquia no julgado de Regalados. Em 1220, os inquiridos, entre os quais o abade D. Sarrano, afirmavam que o rei não era patrono nem detinha qualquer reguengo na paróquia nem recebia qualquer foro, exceto voz e calúnia. Na freguesia, a igreja de São João detinha, então, searas e 20 casais. Nas Inquirições de 1258 é reafirmado que o rei não era o patrono nem os moradores pagavam qualquer foro ao rei. A freguesia fora coutada por D. Sancho I a D. Egas Pais, e a carta de couto confirmada por D. Afonso II.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320-1321, com vista ao financiamento da Cruzada, a igreja de Coucieiro integrava as Terras do Deado, ou seja, terras confiadas à supervisão do Deão do Cabido de Braga que detinha alguma jurisdição e direitos concedidos pelo arcebispo. Segundo o referido Catálogo, a igreja de São João fora taxada em trezentas libras, o valor mais elevado pago pelas mais de 40 igrejas da Terra do Deado, valor apenas suplantado pelo mosteiro de Valdreu (430 libras). No século XV, esta paróquia de São João de Coucieiro integrava ainda a mesma Terra do Deado. Em 1439, D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, manda anexar a igreja de São Pedro

de Barros, que se encontrava vaga, à de São João de Coucieiro.

Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563), feito por Pedro Álvares Seco, a comenda nova de São João de Coucieiro fora avaliada em 40 093 reais, em 1538, e o seu comendador era então Fr. António de Azevedo.

Em 1706, o Pe. Carvalho da Costa registava na sua *Corografia Portuguesa*, que São João de Coucieiro fora convento Templário, sagrado no tempo de D. Afonso Henriques pelo arcebispo D. Paio Mendes. Na freguesia, localizava-se o Paço de Coucieiro, que fora dos senhores de Regalados e depois dos Abreu, e o Paço de Linhares, dos Barros.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, o reitor da igreja paroquial de São João de Coucieiro declara que a freguesia pertencia ao concelho de Regalados, era do rei e não de donatários e era comenda da Ordem de Cristo. A igreja tinha então três altares e uma só nave. No altar-mor fora instituída a confraria do Santíssimo Sacramento pelos senhores de Regalados. Na sequência do terramoto de 1755 caíram os sobreceús ou guarda-pós dos altares laterais, que eram de grossas tábuas, desfizeram-se e não haviam sido ainda reparados.

Certamente consequência dos danos provocados pelo terramoto de 1755, em finais do século XIX, a igreja de Coucieiro sofreu obras profundas que lhe alteraram a traça interior, mantendo a sua estrutura medieval, mas

dificultando, em parte, a leitura dos vestígios da fábrica românica graças ao restauro revivalista de que foi alvo. Para a compreensão total do espaço há que ter em consideração o constante diálogo de formas, elementos decorativos e disposições construtivas medievais e contemporâneas que se fundem e complementam.

A igreja apresenta planta longitudinal, desenvolvendo-se em nave única, capela-mor retangular, torre sineira adossada à capela-mor, do lado norte, e uma estrutura que acolhe dependências religiosas e que corre ao longo da capela-mor até meio da parede da nave, do lado sul. As coberturas são em telha de duas águas, na nave e capela-mor, e de uma água, na estrutura adossada do lado sul, sendo o imóvel construído em cantaria de granito, demonstrando um aparelho pseudo-isódomo.

A capela-mor, ligeiramente mais baixa e estreita, apresenta três vãos de iluminação, dois voltados a sul, de cunho moderno e grande abertura proporcionada pelo uso de arcos de volta perfeita. A este, na parede fundeira da abside, rasga-se uma fresta românica. Esta apresenta uma arquivolta lisa, com aduelas bem facetadas, suportada por colunelos de bases simples e capitéis decorados com motivos vegetalistas, sendo que o do lado esquerdo parece apresentar folhas de acanto e o do lado direito revela a mesma solução decorativa que vemos no capitel mais exterior do lado direito no portal principal da igreja de Manhente, em Barcelos. A escultura é túrgida e prende-se bem ao cesto.



Perspetiva geral a partir de sudoeste



Capela-mor. Alçado este

O arco envolvente desta fresta é decorado com motivos biselados desenhando a hera estilizada. As impostas apresentam motivos enxaquetados e prolongam-se através de um friso que corre ao longo de toda a capela-mor dando, assim, continuidade à forma decorativa. Contudo, do lado norte, atualmente tapado pela torre sineira, o ondulante motivo do arco envolvente é novamente resgatado, possivelmente por força de um reaproveitamento, apresentando este friso dois motivos decorativos diferentes. Será pertinente referir a recorrência deste tipo enxaquetado que vemos amiúde nas construções românicas, mais usuais mas não exclusivas, dos templos ao redor de Braga, como se vê, novamente, na igreja de Manhente (Barcelos), ou mais a norte, na capela de Nossa Senhora da Orada, em Melgaço, ou ainda na igreja de Santo Isidoro em Marco de Canaveses, apenas para nomear alguns exemplos. Embora nestes três casos o motivo se inscreva numa das arquivoltas dos respetivos portais principais, a forma recorrente como é utilizado fazem-no um dos elementos decorativos mais comuns da época românica.



Capela-mor. Alçado este. Fresta

Sobre a fresta vemos um silhar com grafito compondo uma grelha de losangos. Trata-se de uma peça avulsa, talvez reaproveitada. É encimado por cruz pátea relevada, mas plana.

No alçado norte, na parede da nave, rasga-se um portal lateral entre dois contrafortes. Os vãos de iluminação, possivelmente respeitando a localização das primitivas frestas românicas, são já resultantes de campanhas pós-tridentinas, atendendo à sua configuração e amplitude. O portal compõe-se de dupla arquivolta inscrito na espessura do muro, que, muito possivelmente e à semelhança do portal ocidental, terá sido reconstruído aquando da campanha oitocentista. Apesar de recomposto, o portal convoca alguns elementos do período românico, particularmente através da sua arquivolta exterior, onde novamente vemos o motivo do enxaquetado. Na mísula do lado esquerdo do observador que sustenta o tímpano, vemos uma pinha esculpida. Trata-se de um motivo que não é comum ao românico, pelo que sugerimos tratar-se de uma peça criada durante a reconstituição revivalista do restauro



Alçado norte. Aspeto geral da nave

oitocentista. Ainda nesta parede norte da nave, do lado direito do portal lateral, surge a segunda inscrição referida anteriormente, e que se acreditava estar perdida, relativa à segunda sagração da igreja de São João Batista.

No que diz respeito aos cachorros que suportam a cornija do lado norte, estes revelam-se uma combinação entre elementos possivelmente românicos e outros de clara feição contemporânea, obra do restauro oitocentista, fazendo com que a indicação de motivos românicos seja um exercício a ser feito com alguma cautela. Estamos em crer que o cachorro no extremo norte da capela-mor poderá pertencer à fábrica românica, bem como os restantes da capela-mor, após a torre-sineira com exceção de dois, de decoração semelhante, com um toro em cada. Os



Pormenor do alçado sul da nave. Cachorros e inscrição de sagração da igreja em 1128



Inscrição, datada de 1164, junto ao portal lateral norte



Alçado norte. Pilastra decorada

localizados na nave deixam menos dúvidas, distinguindo-se os dois que apresentam decoração animalista, onde se esculpem focinhos. Os restantes, apresentando decoração geométrica ou com alguns desenhos em baixo relevo, serão já fruto da campanha reconstrutiva.

Há ainda que referir o desenho esculpido no contraforte que no extremo da nave prolonga a fachada ocidental. No topo, representa-se uma figura humana envergando uma lança com uma criatura animal/monstruosa(?) ao lado. Estas figuras, o homem e a criatura, vão reaparecer noutros pontos exteriores do templo, como adiante se mostrará. Questionamos o significado iconográfico do tema e se se tratará do Arcanjo São Miguel vencendo o dragão. Do lado sul, junto a uma porta lateral elevada que dá acesso ao

coro-alto, do lado direito, encontra-se a primeira inscrição referida anteriormente e relativa à primeira dedicação da igreja. Junto ao sopé desta porta, na pilastra da fachada oeste, foi reaproveitado um silhar e que pela forma como se apresenta esculpido poderá ter cumprido a função de aduela. Vemos uma figura fantástica cuspindo fogo numa face, motivos fitomórficos na outra, e um motivo encordado que as separa na aresta.

Os cachorros que suportam a cornija da nave deste lado sul são semelhantes aos do lado norte, sendo que alguns serão originários do período românico e outros resultantes da intervenção revivalista. Destacam-se os cachorros com formas animais e humanas, de feição românica, e uma curiosa representação de uma figura humana a tocar um dólio, tema raro em Portugal, mas comum nos templos românicos galegos, como se poderá verificar na igreja de Santo Estevam de Atán (Pantón), por exemplo. A mesma combinação acontece nos cachorros da capela-mor, mas aqui surge um tema diferente dos restantes, esculpindo-se num deles, o que parece ser um bobo. Há também um cachorro esculpido em relevo com enrolamentos biselados, tema que vai ser copiado na contemporaneidade pelo cachorro imediatamente ao seu lado esquerdo, e parcialmente repetido por um outro na parede da nave, do lado sul. Não sendo algo incomum nos templos que sofrem restauros ou acrescentos, nos cachorros mais recentes deste templo, a pedra é mais clara, de tom acinzentado, e as linhas mais retas, confirmando assim provir de uma pedreira e de um estaleiro diferentes. Em campanhas recentes de obras, em particular naquelas que se situam em oitocentos, os temas decorativos românicos são muitas das vezes recriados em elementos mais recentes, pretendendo-se atingir uma certa unidade temática e salientar a memória construtiva e gosto medieval.

Importa referir ainda, no topo da nave, no remate do telhado entre a nave a capela-mor, a existência de um medalhão circular esculpido. No contraforte que separa a parede norte da nave da capela-mor, encontramos mais dois silhares com criaturas esculpidas, reaproveitados. Atendendo à temática e à forma como os temas se distribuem no quadro, estamos seguramente diante de aduelas reaproveitadas. No primeiro, mais elevado, a cena parece retratar um quadrúpede a perseguir outro que se assemelha a um coelho. No segundo, abaixo do anterior, surge outro quadrúpede, isolado, semelhante no desenho às outras já referidas.

Apresentando este templo várias reconstruções de índole revivalista, é interessante atentar no portal oeste que vai recriar formas e motivos decorativos encontrados noutros templos românicos. Este inscreve-se sobre corpo

avanzado que é interrompido na parte superior pelo vão de iluminação que resulta de um alargamento feito durante a época moderna à primitiva fresta românica. Resulta aqui curioso o reaproveitamento dos colunelos. Nos seus capitéis esculpem-se figuras humanas que aparentam estar a ser tomadas pelas almas do inferno evidenciadas pelas mãos que agarram a figura do lado direito e pelas criaturas que mordem as mãos da figura do lado esquerdo do observador. Esta temática é encontrada, por exemplo, num capitel do portal ocidental da capela da Granjinha, templo românico de Chaves, onde se esculpem duas criaturas semelhantes a dragões ou lagartos a rodear uma figura humana e a lançar sobre ela as suas línguas. Compõe-se o portal de três arquivoltas. Repare-se na arquivolta interior deste portal oeste, que é em tudo idêntica à arquivolta exterior do portal principal da igreja de Arnoso, Santa Eulália, em Vila Nova de Famalicão. Em ambas encontramos a face exterior da arquivolta decorada por motivos lanceolados e a parte interior decorada com motivos fitomórficos ornados

Silhar decorado, localizado junto à porta lateral (elevada) da fachada sul





Portal oeste. Pormenor

com pequenas pérolas. A arquivolta de Coucieiro imediatamente seguinte à exterior, onde se esculpem aves em ambas as faces das aduelas, aqui tratadas como se fossem capitéis pelo aproveitamento total do quadro, relembra em parte e a título de exemplo, uma das da igreja de Bravães, em Ponte da Barca. A terceira arquivolta e o arco envolvente parecem resultar da obra revivalista de oitocentos. Os motivos são de natureza geométrica, mas a forma como se dispõem não é comum ao período românico, o que não invalida contribuírem para a força plástica do conjunto. A própria profusão decorativa que este portal ocidental apresenta, relembra outros como o já referido de Bravães ou mesmo o da igreja de São Pedro de Rates.

Nas impostas encontramos diversos motivos, que concorrem para a tese do reaproveitamento revivalista dos materiais, ora mostrando o motivo enxaquetado, ora elipses encadeadas.

Ladeando o portal ocidental, imediatamente acima das impostas, encontramos do lado esquerdo uma figura humana que parece segurar uma arma, e do lado direito, uma outra figura humana que toca um instrumento de sopro. Estas duas figuras assemelham-se, pela forma de esculpir e pelo traço, às outras dispersas pelo exterior do templo, nomeadamente, nos contrafortes, mas que se revelam de datação difícil. Com efeito, o tema das criaturas monstruosas não seria algo de novo no leque da escultura românica, mas a utilização de uma arma semelhante a uma carabina, faz avançar a sua cronologia para o século XIX. Assumindo estes

vestígios como contemporâneos entre eles, serão assim fruto da campanha reconstrutiva oitocentista.

O interior do espaço revela já uma memória bastante diluída da fábrica românica, preservada apenas na espacialidade existente, e no portal lateral norte que apresenta um arco exterior com motivos fitomórficos enlaçados contendo pequenas pérolas. Neste templo de origem românica, fica claro o gosto e o desejo de fazer perdurar a ambiência primitiva, evidenciada pelo restauro contemporâneo que vai beber influência a muitos dos templos ao seu redor, mas que, à parte disso, mantém ainda vários dos elementos originais, constituindo assim um exemplar significativo para o entendimento do românico e da sua resistência no tempo. A igreja de São João de Coucieiro está em muito bom estado de conservação, é propriedade da Igreja Católica e está afeta ao culto.

Texto: JL/SVS - Fotos: SVS

Bibliografia

ALBO, F., 2013; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 101; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 63 (de 1128), Insc. n.º 115 (de 1164) e Insc. n.º 130 (de 1169); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 74 (de 1128), Insc. n.º 134 (de 1164) e Insc. n.º 151 (de 1169); BOISSELLIER, S., 2012, p. 143; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 244; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 199, 344 e 434; CEPB, 1935-60, VII, p. 932; LENCART, J., 2018, p. 446; MARQUES, J., 1988, pp. 227 e 888; MARQUES, J., 2005, pp. 51 e 55; MARQUES, J., 2008, pp. 69, 76 e 83; MEM. PAROQ. 1758 (2003), pp. 525-526; PMH, INQ., pp. 20, 94, 178, 222 (de 1220) e 429-430 (de 1258); ROSAS, L.M.C., 1995, II, p. 152; SIPA.